



# NOTAS SOBRE A ANGÚSTIA E O DESEJO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

## NOTES ON ANGST AND DESIRE IN TIMES OF COVID-19 PANDEMIC IN THE UNIVERSITY CONTEXT

Aline Aguiar Mendes<sup>1</sup>  
Bruna Monteiro Hallak<sup>2</sup>  
Giovanna Figueiredo Boechat<sup>3</sup>  
Natália Amaral Guimarães de Lima Souza<sup>4</sup>

---

**RESUMO:** Esse artigo pretende apresentar uma breve reflexão acerca da angústia e do desejo em tempos de pandemia de COVID-19, a partir da experiência de acolhimento das urgências subjetivas de estudantes universitários realizadas na Assistência Psicológica aos Estudantes da PUC Minas (APP). Atestamos que a importância desse dispositivo na instituição se efetiva pelo acolhimento das urgências subjetivas dos estudantes, nas quais há uma intensa angústia. A função do dispositivo APP em sua atual modalidade clínica consiste em um manejo temporal que possibilita a elaboração de um sofrimento no qual o sujeito se implica e faz uma questão, capaz de fornecer uma “pista” em relação ao próprio desejo. Conclui-se que a função da APP nesses tempos de pandemia de COVID-19 não é liquidar a angústia, mas fazê-la falar para a invenção de um dizer, o que possibilita ao sujeito construir uma saída para a angústia a partir de seu próprio desejo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudante Universitário; Urgência Subjetiva; Angústia; Desejo; COVID-19.

**ABSTRACT:** This article intends to present a brief discussion about angst and desire in times of the COVID-19 pandemic, from the experience of welcoming the subjective urgencies of university students carried out in the Psychological Assistance to Students offered by the Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (APP). We attest that the importance of this device in the institution is made effective by the acceptance of the students' subjective urgencies, in which there is an intense angst. The function of the APP device in its current clinical modality consists of a time management that enables the elaboration of a suffering in which the subject is involved and formulates a question, capable of providing a "clue" in relation to his own desire. It is concluded that the function of the APP in these COVID-19 pandemic times is not to settle the angst, but to make it speak for the invention of a saying, which allows the subject to build a way out of his own desire, which allows the subject to invent a way out of angst from his/her own desire.

**KEYWORDS:** University Student; Subjective Urgency; Angst; Desire; COVID-19.

---

## 1 INTRODUÇÃO

*“O desejo é um remédio para a angústia” (LACAN, 1960-61/1992, p. 357)*

Esse artigo pretende apresentar uma breve reflexão acerca da angústia e do desejo em tempos de pandemia de COVID-19, a partir da experiência de acolhimento das urgências subjetivas de estudantes universitários realizadas na Assistência Psicológica aos Estudantes da PUC Minas (APP).

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é responsável pela Assistência Psicológica dos Alunos da PUC Minas – APP. [alineaguiarmendes@gmail.com](mailto:alineaguiarmendes@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [brunamhallak@gmail.com](mailto:brunamhallak@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [gio-boechat@hotmail.com](mailto:gio-boechat@hotmail.com)

<sup>4</sup> Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [nataliaamaralg@hotmail.com](mailto:nataliaamaralg@hotmail.com)

## 1.1 O acolhimento das urgências subjetivas dos estudantes universitários

A saúde mental dos estudantes universitários é um assunto que cada vez mais recebe enfoque nos telejornais, redes sociais e demais meios de comunicação em massa na sociedade contemporânea. Diante do contexto de frequentes casos de suicídio, do crescimento de sintomas e casos de depressão, perpassados por uma enorme angústia, conforme sinalizam diversas pesquisas e trabalhos acadêmicos, fica evidente a necessidade de um aprofundamento nessa temática.

A PUC Minas compõe o grupo das instituições de ensino superior que se importa com a problemática da saúde mental dos estudantes. A sua missão, cujo um dos pilares é favorecer o desenvolvimento humano e social, tem como um de seus princípios a promoção do bem comum e da dignidade da pessoa humana. O Projeto Pedagógico Institucional da Universidade (PPI), ainda apresenta como alguns de seus valores a solidariedade, buscando a adesão à causa do outro, com base no respeito mútuo e na interlocução entre os sujeitos da sociedade.

Desse modo, a Faculdade de Psicologia (FAPSI), apoiada na missão da universidade bem como nas políticas acadêmicas, oferece propostas de intervenção de apoio psicológico aos discentes nos diferentes *campi*, dentre elas, a Assistência Psicológica aos Alunos da PUC Minas (APP). Essa iniciativa caracteriza-se por ser um dispositivo de saúde mental que propicia acolhimento psicológico aos estudantes da universidade na Clínica-Escola do Curso de Psicologia da PUC Minas, localizada na unidade do Coração Eucarístico.

O dispositivo da APP existe desde 2002 e, em 2017, passou por uma proposta de reformulação, tendo em vista as estratégias discutidas junto aos professores da FAPSI. Atualmente, o serviço oferecido consiste em uma escuta pontual, realizada por dois estagiários bolsistas e três monitores voluntários do curso de Psicologia, sob supervisão da responsável pelo projeto.

O objetivo tem sido acolher e dar apoio para os alunos que necessitam de uma intervenção no campo da Psicologia. Os estudantes que procuram pelo projeto são atendidos por, no máximo, 16 sessões aproximadamente e, posteriormente, são encaminhados para o atendimento externo à PUC Minas, que pode acontecer junto a clínicas sociais ou profissionais egressos da universidade. Dessa forma, não há lista de espera, de modo que todos os estudantes que procuram a APP são acolhidos.

Com base na análise de dados colhidos na pesquisa “A saúde mental dos estudantes universitários: como acolher as urgências subjetivas nesse contexto institucional?” desenvol-

vida através do Fundo de Incentivo a Pesquisa (FIP)<sup>5</sup>, foi possível observar fatores fundamentais referentes à dinâmica da APP.

Os dados quantitativos, reunidos nos relatórios elaborados são indicativos da dinâmica, função e importância do dispositivo. Apenas no ano de 2019, foram realizados aproximadamente 1900 atendimentos, sendo importante salientar que em torno de 85% dos alunos que procuraram pelo dispositivo têm entre 17 e 25 anos (RELATÓRIO APP, 2019). Tais dados demonstram que o número de acolhimentos realizados é bastante significativo e que o público que busca o serviço é predominantemente jovem, o que nos convoca a refletir de que forma o encontro com a universidade atravessa a subjetividade desses estudantes.

No que diz respeito aos motivos que levam os alunos a procurarem o atendimento na APP, de início, é comum que apareçam queixas relativas a questões acadêmicas e dificuldades com as exigências do ambiente universitário. Entretanto, quando escutados um pouco mais, esses sujeitos revelam aspectos singulares de sua subjetividade, relacionados à sexualidade, lutos, compulsões, questões familiares, dentre outros.

Atestamos que a importância desse dispositivo na instituição se efetiva pelo momento subjetivo no qual se encontram os alunos quando vão até o acolhimento. Acometidos por um estado de urgência subjetiva, no qual há uma intensa angústia, os estudantes chegam à APP por meio da Clínica de Psicologia, da indicação de outros colegas ou dos colegas dos cursos.

Em linhas gerais, a urgência subjetiva está relacionada à irrupção de algo que impele o sujeito a buscar por ajuda. Quando não há um tempo de elaboração, podem surgir as passagens ao ato e atuações. Nesse sentido, a urgência subjetiva que chega ao serviço da APP se diferencia da urgência que aparece em hospitais psiquiátricos, por exemplo. No caso da APP, na maioria das vezes, o sujeito não é “levado” por alguém. Há algo em sua subjetividade que urge e o faz procurar pelo serviço, alguma coisa diz que “não dá mais” e o impele a buscar por ajuda. É dá ordem, portanto, de algo que o sujeito não sabe o que é, mas precisa falar para saber.

Assim, a urgência aparece como um curto-circuito que precipita, constantemente, o tempo de concluir sobre o instante de ver. Os efeitos dessa constante precipitação se fazem sentir na clínica a todo o momento, sob a forma de passagens ao ato, *acting out*, diversas compulsões, crises de pânico, dentre outros sintomas contemporâneos (RUBIÃO, 2019).

---

<sup>5</sup> Os dados mencionados também fazem parte da pesquisa de bolsa de produtividade/CNPq: “O sofrimento psíquico de jovens na universidade: entre exigências institucionais e urgências subjetivas”, coordenada pela profa. Ilka Franco Ferrari.

Além disso, Alberti (2019) acrescenta que a urgência subjetiva impõe alguém a se apressar, é o tempo da pressa, que não necessariamente advém de um perigo iminente. O trabalho do analista seria então o de “fazer par” com a urgência em questão, fornecendo uma reconexão mínima ao inconsciente transferencial (RUBIÃO, 2019). É nesse ponto que reside a essência da proposta da APP: não se trata de liquidar a urgência, mas sim de fazê-la falar e, por isso, o dispositivo se apresenta como uma oferta de escuta e acolhimento.

A partir de relatos de ex-usuários da APP, temos constatado que a escuta pontual possui efeitos apaziguadores e revela o desdobramento da demanda inicial em múltiplas questões, a partir da escuta clínica, conforme ilustra o fragmento a seguir. Este foi extraído de uma entrevista com um ex-aluno atendido pela APP que, inicialmente, apresentava como queixa, uma dificuldade com a escrita:

Eu ainda escrevo muito mal, mas eu não escrevo tão mal quanto eu escrevia antes, mas tinha coisa que eu escrevia que eu falava assim "Ah, vei, não é possível. Isso aqui não é possível que ele não tá vendo que eu escrevi isso" [...] esse fato d'eu não escrever bem é o que eu digo de não ser compreendido. E esse não ser compreendido eu atribuía a culpa nas outras pessoas e não em mim mesmo. (RELATÓRIO APP, 2019).

O projeto da APP tem sido pensado, cada vez mais, como um espaço de acolhimento – não de tratamento, o que possibilita ao sujeito uma escuta inicial, que pretende fazer emergir a palavra para que se possa dar um tratamento à angústia. Posteriormente, o encaminhamento é discutido, clinicamente, para que o sujeito possa dar continuidade aos atendimentos externamente, movida não mais pela pressa da urgência, mas pelo desejo de saber.

Em termos gerais, é possível dizer ainda que após a passagem pelo dispositivo, a maior parte dos entrevistados passou a conceber a universidade como um ponto de apoio, por se importar e auxiliar seus alunos através do serviço prestado pela APP. Dessa forma, muitos deles passaram a se responsabilizar por suas queixas, compreendendo sua parcela de participação, enquanto sujeitos, naquilo que anteriormente atribuía ao outro.

Isso posto, ressaltamos que o desafio atual referente à saúde mental dos jovens universitários deverá ser enfrentado e empreendido pelas universidades, para que estejamos comprometidos com o que nos concerne ao nosso tempo. É dentro dessa perspectiva que apresentamos uma breve elaboração acerca dos efeitos subjetivos da pandemia de COVID-19 nos estudantes universitários, com base no acolhimento de urgência subjetiva, com o qual temos trabalhado.

## 2 ANGÚSTIA E DESEJO NO CONTEXTO ATUAL DA PANDEMIA DO COVID-19

Como sabemos, muito mudou desde a chegada de um vírus que, de maneira inesperada, se anunciou em escala global. A pandemia do novo coronavírus assola toda a humanidade, e agora, mais do que nunca, partilhamos de um mundo estranho, no qual precisamos estar confinados em nossas casas, onde é preciso manter distância uns dos outros, usar máscaras e ter os cuidados redobrados com a higiene. Essas soluções científicas pontuais nos auxiliam no retardo do contágio deste vírus que possui alta taxa de mortalidade.

O encontro com o novo coronavírus nos colocou diante de um real que é “desumano mas relativamente previsível” (VIEIRA, 2020, s/n). Nessa perspectiva, o autor nos faz notar que existe uma lei da natureza que é seguida por esse agente, ou seja, o vírus possui uma lógica própria que, apesar de mortífera e de provocar uma desordem mundial, pode ser decifrada e apropriada pelo saber científico. Enquanto o resultado da vacina é uma promessa a ser cumprida a médio/longo prazo, as soluções subjetivas construídas frente a uma pandemia que desvela o desamparo e a fragilidade humana podem ser as melhores ou as piores, conforme afirma o psicanalista Christian Dunker (2020)<sup>6</sup>.

Frente ao real, muitos sujeitos encontram saídas na produção de sintomas, que têm se tornado mais consistentes, por exemplo: sintomas obsessivos de desinfecção e de limpeza, sintomas fóbicos, de isolamento e de um medo hipocondríaco, e ainda, melancólicos, daqueles que acreditam que “estamos condenados”. É possível observar também certa “paranoia” na tentativa de culpabilização da China pelo vírus, o que nos remete a um deslocamento que projeta no outro um desejo maligno. (VIEIRA, 2020).

Essa insistente batalha contra o vírus evidencia que não há inimigo contra quem lutar, uma vez que o vírus não é um ser desejante e, portanto, não pode ser-lhe atribuída uma intencionalidade maligna de destruir a humanidade, por exemplo. O que, portanto, está em jogo que provoca essas saídas que parecem ser resposta contra a angústia e que emergem neste momento? Vieira (2001) nos ensina que a angústia nasce da relação com o Outro, que se encarna na relação com o semelhante. O encontro com o outro semelhante pode abrigar uma alteridade radical quando não podemos identificar o que ele deseja, apresentando a face real do desejo.

---

<sup>6</sup> Essa consideração foi feita durante uma *live* (modalidade de transmissão ao vivo), intitulada “Conversas com alunos(as) e professores(as) em quarentena” para a ação “FAPSI com você ao vivo”, da Faculdade de Psicologia da PUC Minas.

Para apreendermos o que está em jogo na angústia, Jacques Lacan nos apresenta uma fábula, na qual ele próprio se apresenta com a máscara de um Louva-a-Deus, contudo, sem saber a máscara que está usando. Assim, ele está diante de um Louva-a-Deus fêmea gigante que, nessa espécie, devora o macho no acasalamento. Ele não consegue localizar ao certo a sua identidade no olhar enigmático, facetado do globo ocular do inseto. Suas insígnias, isto é, o que ele julga ser a partir das balizas imaginárias do Eu ficam fora do jogo. Nesta cena, Lacan nos permite apreender o sujeito diante da indeterminação do desejo do Outro: “o que ele quer?”, “o que será de mim?”. (LACAN, 1962-1963/2005)

Frente à indeterminação do desejo do Outro, que não pode ser reduzido à demanda, “onde o sujeito dispõe de uma imagem que o identifique diante do Outro” (VIEIRA, 2001, p. 166), a angústia aparece. Diante da angústia, podemos buscar arranjos que nos conduzem a respostas para tentar apreender essa coisa inescrutável do desejo do Outro. É aí que pode surgir o medo, o Outro como ameaça, os sintomas obsessivos e muito mais. Cada qual à sua maneira enfrenta a angústia do desconhecido que apavora e ameaça, levando em consideração a fantasia de cada sujeito como tentativa de enquadrar o real.

Entretanto, no *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) concebe a angústia como o único afeto que não engana. É dessa maneira que a sua elaboração nos diz que a angústia joga luz em um ponto que, por uma via dialética, faz aparecer a dimensão do desejo. Em tempos de deserto do Outro, como salienta Vieira (2020), uma vez que perdemos um mundo do qual estávamos habituados a viver, o autor nos apresenta como orientação para nossa prática clínica nesses tempos particularmente sombrios “localizar, no ponto exato da angústia, uma saída para o próprio desejo.” (VIEIRA, 2020, s/n).

O novo coronavírus provoca certo impacto, desorganizando os modos de vida e as nossas certezas, colocando em xeque, ainda, determinadas formas de relacionamento que antes passavam despercebidas pela movimentação da rotina. Frente à carência de respostas pré-estabelecidas, uma vez que não há significante que possa dizer completamente do sujeito, as soluções encontradas frente a essa angústia podem levar os sujeitos a saídas sintomáticas, tais como passagens ao ato e atuações.

Nesse sentido, a importância de uma escuta psicológica em um momento de urgência, que pode precipitar o sujeito às piores saídas, também é o que lhe suscita o encontro com um dizer, a partir de um chamado ao Outro, diante de um momento no qual o sujeito se vê sem saída, encurralado pela angústia. Conforme abordado no primeiro momento desse artigo, a função do dispositivo APP em sua atual modalidade clínica consiste em um manejo temporal que possibilita a elaboração de um sofrimento do qual o sujeito se implica e faz uma questão,

capaz de fornecer uma “pista” em relação ao próprio desejo.

## 2.1 O Acolhimento das urgências subjetivas dos estudantes universitários no contexto da Pandemia do COVID-19

O trabalho que vem sendo realizado no sentido de um acolhimento das urgências subjetivas dos jovens universitários tem demonstrado como o momento de urgência se dá a partir de um encontro, que faz um furo na trama das significações que orientavam a vida do sujeito até aquele momento. O sujeito não encontra um significante que o represente e sua existência lhe aparece fora de sentido. Em função disso, a oferta de um uso da palavra para cernir um ponto de indecível conduz à uma invenção de um dizer. Por essa razão, a urgência, em que a angústia está presente, pode também ser um momento de precipitação de um dizer.

A aposta no sujeito presente nas urgências subjetivas nos faz considerar uma temporalidade que inclua a noção de sujeito, distinta, portanto, de uma temporalidade tomada na passagem das horas, isto é, meramente cronológica. Assim, o trabalho desenvolvido na APP tem nos ensinado que os jovens que nos procuram encontram-se desamparados, frente a um sofrimento que os invade, caracterizado pela dificuldade de ser traduzido em palavras. Os estudantes nos relatam experiências de um “achatamento do tempo”, que os impele a resolver aquilo que os faz sofrer, aqui e agora, urgentemente.

Nesse sentido, o dispositivo de urgência propicia o manejo dessa questão do tempo, à medida em que a escuta pontual opera, dando lugar a fala do sujeito. Dessa forma, é aberto um tempo subjetivo, para que algo próprio possa ser construído. Por essa via, os efeitos terapêuticos do dispositivo APP na vida desses estudantes permitem introduzir uma escansão, uma pausa, a partir de uma elaboração que é manejada sob transferência, possibilitando um saber próprio ao sujeito <sup>7</sup>.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática clínica é atravessada por uma série de desafios, tendo em vista a gravidade da crise sanitária do nosso tempo e também a clínica *online* que surge enquanto caráter de exceção, para possibilitar um trabalho clínico nesses tempos de distanciamento dos corpos. Apesar dos impasses inerentes ao nosso momento, o que se pressupõe é que a oferta de um lugar para que o sujeito apareça e fale enquanto desejante é imprescindível. O que a função

---

<sup>7</sup> Essa questão foi desenvolvida em artigo encaminhado para publicação.

da APP pode nos ensinar sobre esses tempos de COVID-19 é que, conforme nos aponta Rubião (2019), a função da psicanálise frente a urgência não é de liquidá-la, mas de “fazê-la falar”: é somente por essa via que o sujeito pode construir uma saída para a angústia a partir de seu próprio desejo. É essa aposta que fazemos no trabalho realizado na APP.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Christiane. Urgência e satisfação. *In: Revista CURINGA*, n. 48. Belo Horizonte: EBP-MG, 2019, p. 20-42.

DUNKER, Christian. *Conversas com alunos(as) e professores(as) em quarentena*. Belo Horizonte: Faculdade de Psicologia da PUC Minas, 22 de junho de 2020. 1 vídeo 59m:28s. [Live]. Disponível em: <https://youtu.be/0rRzuLkhqeQ>. Acesso em: 21 de dez 2020.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência (1960-61)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RELATÓRIO APP. *Entrevistas realizadas com ex-usuários da APP*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2019.

RUBIÃO, Laura. A urgência na experiência analítica. *In: Revista CURINGA*, n. 48. Belo Horizonte: EBP-MG, 2019, p.79-86.

VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VIEIRA, Marcus André. Notas sobre o desejo e o isolamento. *Correio Express – Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 2020. Disponível em: <[https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2020/04/18/notas-sobre-o-desejo-e-o-isolamento](https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/18/notas-sobre-o-desejo-e-o-isolamento)>.